ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

CUIDADOS PARENTAIS E PERCEPÇÕES MATERNAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS NASCIDOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

PARENTAL CARE AND MATERNAL PERCEPTIONS ON THE DEVELOPMENT OF CHILDREN BORN DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Eleonora Pereira Melo[1]
Denise Lima Nogueira[2]
Lucas de Souza Albuquerque[3]
Camila Machado de Aquino[4]
Jordan Prazeres Freitas da Silva[5]
David Augusto Batista Sá Araújo[6]
Maria Suelly Nogueira Pinheiro[7]
Luciano Lima Correia[8]
Marcia C Castro[9]
Márcia Maria Tavares Machado[10]

[1] Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará (PPGSP-UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: eleonora@alu.ufc.br
[2] Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Curso de Enfermagem, Faculdade Luciano Feijão, Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: deniseln2009@hotmail.com
[3] Graduando do curso de Medicina pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: l.s.99albuquerque@gmail.com
[4] Especialista em Processos de Gestão e Atenção à Saúde pela Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP-CE). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas da Universidade Federal do Ceará (PPGCM-UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: camilamachado_@hotmail.com
[5] Mestre em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará (PPGSP-UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: jordanpraazeres@gmail.com
[6] Graduando do curso de Medicina pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: daviaugusto1889@alu.ufc.br
[7] Graduanda do curso de Medicina pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: msuellynogueirap@gmail.com
[8] Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Departamento de Saúde Comunitária, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: correialuciano@gmail.com
[9] PhD, Princeton University. Harvard T. H. Chan School of Public Health (HSPH), Boston, Massachusetts, Estados Unidos da América. E-mail: mcastro@hsph.harvard.edu
[10] Doutora em Enfermagem em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Departamento de Saúde Comunitária, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: marciamachadoufc@gmail.com

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

Resumo: Estudo qualitativo, exploratório e descritivo, realizado de janeiro a março de 2022, objetivando compreender, à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, os cuidados parentais e as percepções maternas sobre o desenvolvimento dos filhos nascidos durante a pandemia de covid-19. Foram entrevistadas 30 mães. As informações foram submetidas à Análise de Conteúdo. Emergiram três categorias temáticas: cuidados maternos à criança durante a pandemia; aspectos socioafetivos das relações interpessoais das crianças; percepções das mães sobre o desenvolvimento dos filhos. Revelou-se que as mães foram as principais cuidadoras das crianças e as mudanças provocadas pela pandemia impactaram nos cuidados maternos. Apesar das adversidades, as mães procuraram realizar cuidados parentais que desenvolvessem os filhos saudavelmente. Posto que a crise sanitária imposta pela covid-19 continua, recomenda-se, no acompanhamento da saúde materno-infantil, maior atenção à díade mãe-filho, fortalecendo serviços que operem como fontes de apoio às mulheres nos cuidados aos filhos.

Palavras-chave: Relações Familiares; Cuidados Parentais; Desenvolvimento Infantil; COVID-19; Pesquisa Qualitativa.

Abstract: This was a qualitative, exploratory, descriptive study conducted from January to March 2022 aimed at understanding parental care and maternal perceptions on the development of children born during the COVID-19 pandemic, in the light of the Bioecological Theory of Human Development. Thirty mothers were interviewed. The information was submitted to Content Analysis. Three thematic categories emerged: maternal care for children during the pandemic; socio-affective aspects of children's interpersonal relationships; mothers' perceptions of their children's development. It was revealed that mothers were the main caregivers of children and the changes caused by the pandemic impacted maternal care. Despite the adversities, mothers sought to provide parental care that would develop their children healthily. Given that the health crisis imposed by COVID-19 continues, greater attention to the mother-child dyad is recommended when monitoring maternal and child health, strengthening services that operate as sources of support for women in caring for their children.

Keywords: Family Relations; Child Rearing; Child Development; COVID-19; Qualitative Research.

1 Introdução

Em 11 de março de 2020, a covid-19 foi classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020). O anúncio dessa grave crise sanitária intensificou, nos mais diversos países, a adoção de medidas não farmacológicas para a prevenção ou redução da propagação do vírus SARS-CoV-2, enquanto cientistas do mundo todo empenhavam esforços para a descoberta e a fabricação de imunizantes. Tais medidas incluíram o distanciamento e o isolamento social, que restringiram a mobilidade de pessoas e levaram ao fechamento de estabelecimentos e serviços.

Embora essas medidas fossem necessárias por seus efeitos protetores contra a doença, repercutiram de modo negativo sobre as crianças e seus cuidadores. O aumento do desemprego, a insegurança financeira, a diminuição do apoio social e o confinamento se intensificaram ou produziram dificuldades extras que ameaçaram o bem-estar das famílias, especialmente as mais vulneráveis (COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2020; PRIME; WADE; BROWNE, 2020). Além disso, o medo da contaminação, a ansiedade relacionada à própria saúde e o luto pela perda de

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

algum ente querido produziram situações estressantes com as quais as famílias precisaram lidar, gerando sofrimento psíquico e impactando diretamente nos cuidados prestados pelos pais e, por conseguinte, no desenvolvimento das crianças (PRIME; WADE; BROWNE, 2020; VENTA; BICK; BECHELLI, 2021).

Estudo aponta que a pandemia de covid-19 parece vir impactando as mães de maneira mais negativa, uma vez que elas têm sofrido, além dos efeitos apontados anteriormente, maior carga de trabalho doméstico e aumento da demanda de cuidados com os filhos no lar (RUBILAR *et al.*, 2022). O estresse e o distanciamento físico durante os períodos de pré-natal e pós-parto estão relacionados a desfechos adversos tanto para mães como para seus filhos, ameaçando o sistema familiar e colocando elevado número de famílias em risco (VENTA; BICK; BECHELLI, 2021).

A íntima relação biológica, social e psicológica construída entre mãe e filho regula a interação entre ambos e determina os esforços para o melhor desenvolvimento da criança (VALE *et al*., 2021). O modo como a mulher se torna mãe, estabelece vínculo afetivo com seu filho e desenvolve os cuidados parentais para atender às necessidades físicas e psíquicas da criança influenciará no desenvolvimento infantil, tendo em vista que a base da constituição psíquica da criança se estabelece por meio da relação mãe-filho, desde o seu nascimento (BONOW *et al.*, 2021).

Contudo, produções científicas a respeito das repercussões da pandemia de covid-19 sobre as práticas parentais de mães e as implicações no desenvolvimento das crianças ainda são escassas, sendo necessários estudos que auxiliem na sua compreensão, uma vez que podem contribuir para a definição de estratégias relacionadas à prevenção de danos ao crescimento e desenvolvimento infantil e à promoção da saúde de crianças e suas famílias em contextos de crise.

Esse estudo configura um recorte da pesquisa Iracema-COVID (CASTRO *et al.*, 2022), realizada no nordeste do Brasil com mulheres que estiveram grávidas durante a pandemia e realizaram o parto entre julho e agosto de 2020, objetivando compreender, à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, os cuidados parentais e as percepções maternas sobre o desenvolvimento dos filhos nascidos durante a pandemia de covid-19.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

2 Método

2.1 Desenho e população do estudo

Estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, realizado de janeiro a março de 2022 com mães que participam de uma pesquisa inicial denominada Iracema-COVID, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará sob o número de parecer 5.159.476.

A Iracema-COVID trata-se de um estudo de coorte projetado para avaliar a influência da pandemia de covid-19 e do distanciamento físico na saúde mental materna, na parentalidade e no desenvolvimento infantil. A pesquisa de coorte serviu como base para que se realizasse este estudo qualitativo. Buscou-se, a partir do enfoque interpretativo, adensar os resultados que têm sido encontrados no inquérito epidemiológico e analisar as falas das mães.

As participantes foram selecionadas por sorteio aleatório, abrangendo as seis Regionais Administrativas de Saúde de Fortaleza, Ceará. Após a identificação das mães, duas pesquisadoras com treinamento em pesquisa qualitativa realizaram contato inicial por meio de ligação telefônica ou de aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas, a fim de apresentar os objetivos da pesquisa, realizar o convite para participação e esclarecer dúvidas.

Participaram do estudo 30 mães que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ter participado do estudo de coorte Iracema-COVID; e dispor de telefone no período da coleta de dados. Não houve critérios de exclusão. O banco de participantes da coorte, por sua vez, foi desenhado para ser uma amostra representativa da cidade de Fortaleza, e as mulheres que fazem parte foram identificadas pelo Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) e recrutadas segundo os critérios: ser residente em Fortaleza; ser maior de 18 anos; ter realizado o parto em hospital público da capital cearense; e dispor de informações completas de endereço (CASTRO *et al.*, 2022).

2.2 Coleta de dados

As informações foram coletadas a partir da técnica da história oral temática (MEIHY; RIBEIRO, 2021), com utilização de entrevistas semiestruturadas orientadas por roteiro elaborado pelos próprios autores, considerando informações a respeito da identificação pessoal, social e econômica das participantes, além de temas de interesse

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

para a investigação: o cotidiano das mães com os filhos em meio à pandemia; as formas de interação desempenhadas; a rotina de cuidados; os apoios percebidos na criação das crianças; as dificuldades apresentadas no exercício dos cuidados parentais; as estratégias de enfrentamento utilizadas; e as percepções sobre os diversos marcos de desenvolvimento do filho.

Após o consentimento das participantes, as entrevistas foram agendadas e realizadas individualmente por telefone a fim de assegurar a segurança das participantes e das pesquisadoras no contexto pandêmico, em data e horário de melhor conveniência para as mães, com duração média de 40 a 45 minutos.

No início da entrevista, foi solicitado o consentimento verbal da participante, o qual foi gravado, tendo em vista a impossibilidade de se recolher assinaturas em decorrência das restrições impostas pela pandemia. Uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi enviada às participantes por meio de aplicativo de mensagens instantâneas. As entrevistas foram gravadas e transcritas por um transcritor profissional.

Para esse estudo qualitativo, utilizou-se a amostragem por saturação (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008; MINAYO, 2017) como critério de inclusão de novas participantes, sendo a coleta finalizada quando se observou alta recorrência das falas. Assim, apreendeu-se um amplo material discursivo, permitindo uma reflexão aprofundada sobre as várias dimensões do objeto estudado.

2.3 Análise de dados

As informações levantadas foram submetidas à Análise de Conteúdo do tipo categorial (BARDIN, 2011), com suporte do *software* MAXQDA Analytics Pro 2020 (VERBI, 2020). A Análise de Conteúdo representa um conjunto de técnicas de análise de comunicações que, a partir de métodos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos relatados, permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens (BARDIN, 2011). A partir da organização das informações, procedeu-se à decodificação de categorias temáticas para identificar as percepções das participantes. O *corpus* da pesquisa foi submetido às três etapas propostas pelo método (pré-análise, exploração do material e interpretação).

As categorias temáticas foram analisadas à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, que discute as influências ambientais no desenvolvimento

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

dos indivíduos. Essa teoria postula que a pessoa em desenvolvimento é afetada pelos vários ecossistemas, do mais íntimo, como o lar, aos mais amplos, como a escola e o trabalho, passando ainda por sistemas maiores que incluem a sociedade, a cultura e os eventos históricos. Cada um desses sistemas interage entre si e influencia em todos os aspectos da vida dos sujeitos (BRONFENBRENNER, 2011).

As análises foram conduzidas, independentemente, por dois pesquisadores, a fim de identificarem e classificarem as unidades de registro e de contexto, o que levou, inicialmente, a 14 códigos (categorias). Após essa fase, procedeu-se à classificação das categorias e à hierarquização, momento em que se agruparam três categorias temáticas que expressaram o exercício dos cuidados maternos em meio à pandemia, os aspectos socioafetivos envolvidos nas relações interpessoais da criança e a percepção das mães acerca do desenvolvimento dos filhos.

As unidades de registro foram expostas nesse artigo visando ilustrar os achados. Conforme sugerem Meihy e Ribeiro (2021), quando erros de gramática, vícios de linguagem e outros elementos próprios da linguagem oral não comprometerem o teor das falas transcritas, esses devem ser mantidos de maneira suficiente para o leitor perceber o tipo de narrativa expressa. Dessa forma, optou-se por correções mínimas nos excertos das falas apresentadas das mães participantes. A fim de manter o anonimato das participantes, identificaram-se as entrevistadas pela letra E, seguida do número correspondente à ordem da entrevista no banco de análise (ex.: E1, E2, E3...).

3 Resultados

Todas as mães residiam em Fortaleza, com média de idade de 29,7 anos e a maioria (N=23) em união estável. Sobre o número de filhos, aquelas que possuíam um único filho foram 14, enquanto as que apresentavam dois ou três filhos foram, respectivamente, 10 e 6 mulheres. Quanto à escolaridade, 15 afirmaram ter ensino médio completo, e as demais estavam igualmente distribuídas nos ensinos fundamental incompleto, fundamental completo e superior. A maioria das entrevistadas (N=22) relatou não trabalhar fora de casa. A renda mensal média relatada foi de 1600 reais, variando de famílias sem renda a até cinco salários-mínimos. Das participantes, 18 revelaram receber alguma forma de auxílio de renda governamental, sendo o “Auxílio Brasil” o mais referido.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

A análise das narrativas possibilitou o surgimento de três categorias temáticas: 1) Cuidados maternos à criança durante a pandemia; 2) Aspectos socioafetivos das relações interpessoais da criança; e 3) Percepções das mães sobre o desenvolvimento dos filhos. Cada uma delas será mais bem detalhada a seguir.

3.1 Cuidados maternos à criança durante a pandemia

As narrativas revelaram que, durante a pandemia, as mães foram as principais cuidadoras e costumavam passar a maior parte do tempo com os filhos, organizando a rotina em torno dos cuidados dedicados a eles e ao lar. Demonstraram estar atentas ao crescimento das crianças e se preocupar com o exercício dos cuidados parentais de maneira positiva e com atividades que favorecessem o desenvolvimento infantil adequado, utilizando-se de estratégias que estimulassem as crianças, principalmente nos componentes motor, cognitivo e de fala. Ademais, procuraram enriquecer o ambiente familiar com diversidade de recursos lúdicos, jogos ou brinquedos educativos, bem como se utilizaram de desenhos, leituras e músicas. Para ocupar a criança, referiram recorrer, também, a utensílios domésticos, buscando envolver-se significativamente nas brincadeiras com os filhos.

Ele gosta de ficar no tatame brincando e eu fico com ele, tem os joguinhos. [...] *Brinco de esconde-esconde ele ama,* [...] *boto na água, dou os brinquedos ele fica brincando, danço, coloco música e fico dançando com ele e ele fica zoando, dançando* [...] *Eu pego e boto as panelas lá da cozinha que ele ama brincar com panela, com mantimento e dou e ele fica brincando.* [...] *Eu dou lápis, papel pra ele rasgar e essas coisas.* (E23)

Dentre os cuidados maternos realizados, a amamentação emergiu nas falas como o mais desafiador entre as mães com um único filho. Os relatos a respeito das dificuldades apresentadas foram diversos: pega inadequada, surgimento de mastite, crença de possuir leite fraco, ganho insuficiente de peso da criança, inseguranças maternas relacionadas à amamentação e interferências da família que desestimulavam o aleitamento. Uma mãe referiu medo de contaminar a criança com covid-19.

Eu tinha medo de colocar o peito na boca dela e o peito tá contaminado. (E16)

Porque tem aquele tabu que criança que mama só no peito acaba sendo fraca e que tem que tomar leite, dar uma massa e não sei o que, e tinha muito isso na minha

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

família. O pessoal dizia que eu não ia aguentar até os seis meses [...] *e que qualquer choro dela era fome, mas que o meu leite não tava sendo suficiente.* (E19)

É bem complicada a amamentação porque a gente se priva muito [...] *era uma privação assim de sono, à noite às vezes eu doida pra dormir e ele acordava várias vezes na noite pra mamar, aí na hora assim dá uma raiva sabe, a pessoa doida pra dormir, mas ele tem que ficar mamando assim direto, então fica meio complicado na nossa cabeça.* (E21)

Em comparação, mulheres com experiências maternas prévias trouxeram relatos de melhor adaptação à amamentação.

Foi normal assim, que eu já tinha tido já dois [...]. *Ruim mesmo foi da primeira vez cuidar, mas graças a Deus o segundo já foi melhor e da terceira foi melhor ainda, que eu já tenho experiência.* (E25)

Observou-se, nas narrativas, que a condição socioeconômica do núcleo familiar foi diretamente impactada pela pandemia de covid-19. Algumas mães revelaram que, mesmo diante das medidas de isolamento e distanciamento físico preconizadas, voltaram a trabalhar fora do ambiente familiar devido às necessidades financeiras ou ao encerramento da licença maternidade.

Eu sentia muita falta dele, mas eu tinha que me mover. [...] *Eu tava perdendo a infância dele e até hoje eu ainda perco a infância dele porque eu trabalho muito, quando aparece eu não quero desperdiçar e aí acabo perdendo*. (E7)

Em decorrência da ausência da mãe do contexto familiar, os relatos apontaram mudanças na rotina das crianças, com referências a alterações na alimentação e no horário de início do sono noturno. Como tentativa de compensação da ausência materna durante o tempo que permaneciam fora do lar, as mães relataram reforçar a prática de interação com os filhos no horário noturno ou em finais de semana.

Eu saía de casa meio-dia e vinte e chegava quase meia noite, então, eu passava a tarde e a noite inteira longe dele e ele sentia muito, quando eu chegava ele ainda tava acordado, então desregulou muito o sono dele, desregulou tudo porque ele só dormia depois que eu chegava. (E18)

Eu fico o final de semana todo com ela e que é onde eu sento com ela, brinco com ela, faço pinturas com ela, brinco com textura de massinha, de areia e dessas coisas assim pra ela sentir, diferenciar. (E17)

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

Das mães que relataram trabalhar fora do contexto familiar, a maioria afirmou ter contado com o apoio de familiares nos cuidados às crianças. Porém, houve aquelas que optaram pela introdução precoce do filho na creche.

Ele faz creche [...] *porque facilita pra mim e pro pai dele o trabalho, porque aqui em casa ou trabalha ele, ou trabalha eu, porque tem ele, aí ele tando na creche fica melhor.* (E7)

Eu voltei pro trabalho, então de sete até às cinco da tarde eu tô no trabalho e ela tá na creche. (E19)

No que concerne à participação da família como rede de apoio mais referida, duas figuras que ganharam destaque nas falas das mães foram a avó da criança, seja a materna ou a paterna, e o pai. Porém, no discurso das mães, poucos foram os pais que se envolveram diretamente nos cuidados práticos com o filho devido ao trabalho dos mesmos acontecer fora do ambiente familiar e se manterem como provedores da família. Houve recorrência, nas falas, do envolvimento do pai com a criança em momentos de brincadeiras e de lazer.

Eu tive uma assistência muito boa da minha mãe. (E17)

Ele [pai] *trabalha durante o dia e quando ele chega ele me ajuda muito com ela, ele brinca demais com ela, canta, corre pela casa, brinca de esconde-esconde, pinta os números, dança com ela.* (E29)

Outrossim, percebeu-se nos relatos que a maioria das mães recorreu ao uso de telas (televisão e/ou celular), com exposição da criança a programas infantis e/ou jogos educativos, como estratégia de distração e ocupação dos filhos enquanto realizavam as atividades domésticas. Relatos apontaram também que a tela era a principal atividade no cotidiano da criança em vez de brincadeiras ou outro passatempo. Algumas narrativas apontaram exposição reforçada a telas eletrônicas, com incentivo e liberdade da criança na manipulação do aparelho, sendo observado pelas falas que algumas crianças já demonstravam capacidade de uso de celular, sabendo utilizar aplicativos, além de possuírem preferências quanto a programas televisivos ou de entretenimento.

Eu não vou te dizer que ela fique direto, mas ela assiste, até porque você fica em casa e tem uma hora que eu preciso também resolver minhas coisas, cuidar dela, da casa e de tudo eu tenho que deixá-la um momento ali entretida com alguma coisa. (E9)

Ela é muito inteligente, se você der um celular na mão dela, ela mesma passa os desenhos dela no YouTube, ela escolhe com o dedo, ela pula propaganda. (E22)

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

Somente três mães referiram não fazer uso de telas no cotidiano da criança por acreditar não serem necessárias ou poderem comprometer o desenvolvimento do filho.

Eu não quero acostumar ele com TV. [...] *ele não pega no meu celular, ele não tem um pingo de interesse e quanto a gente tá brincando com ele, a gente evita tá pegando em celular também.* [...] *Eu acho que não tem necessidade dele assistir desenho ainda, sabe? Não tem necessidade nenhuma dele tá com celular na mão.* (E21)

Observa-se, assim, a estratégia utilizada pela entrevistada para que a criança não tenha acesso frequente às telas, favorecendo, por exemplo, a prática de atividades manuais, como o brincar.

3.2 Aspectos socioafetivos das relações interpessoais das crianças

Algumas mães revelaram que a pandemia não trouxe somente aspectos negativos. Uma maior proximidade com a família e a possibilidade de passar mais tempo com os filhos foram apontados como aspectos positivos desse período. Por serem as principais cuidadoras e passarem muito tempo com a criança, os discursos demonstraram forte ligação afetiva entre as mães e seus filhos.

Eu vejo que foi muito bom, porque a gente ficou mais tempo junto, mais tempo no contato mesmo do que antes da pandemia, era muito corrido, era muito pouco tempo juntos. E essa parte foi a parte boa da pandemia, que a gente pode ficar mais tempo juntos e vivenciar mais o crescimento das meninas. (E6)

No entanto, observou-se que o medo de contaminação pela covid-19 e a preocupação com os riscos à saúde dos filhos fizeram com que muitas mães restringissem o contato social das crianças com outros adultos ou crianças, passando a evitar saídas e reduzindo o recebimento de visitas em seus lares.

Só que como eu tinha medo de pegar covid não tinha ninguém na minha casa. (E1)

Eu fiquei isolada de todo mundo, então ficava só eu e a minha filha [...] *nós duas ficamos totalmente isoladas do mundo, dos familiares, dos amigos*. (E16)

Não é possível afirmar se o isolamento comprometeu os processos de socialização dessas crianças, mas, pelos relatos, percebeu-se que algumas delas se apresentavam mais ansiosas na presença de outras pessoas e angustiadas nos momentos de afastamento de suas mães.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

O negócio é porque ele chora quando eu saio porque é acostumado a ficar comigo e só isso mesmo. (E8)

É porque ele não pode ver ninguém chegar aqui na cozinha ou qualquer parte da casa que ele solta o grito. (E12)

Por sua vez, os relatos demonstraram que crianças que mantiveram contato constante com parentes pareceram estar mais abertas às relações interpessoais e aceitar melhor a presença de outros cuidadores.

Porque eu sei se eu precisar eu vou poder sair tranquila sem ela ficar chorando, [...] *que ela pode ficar tranquilamente com uma pessoa e que se eu precisar me ausentar ela vai ficar bem, não vai ficar chorando.* (E9)

Mães que tinham mais de um filho relataram que a chegada de um novo membro na família foi aceita pelos filhos mais velhos.

Ela é muito carinhosa com ele, ela abraça ele, beija, faz carinho nele, não deixa ninguém que queira bater nele ou machucar ele, ela não deixa ninguém chegar perto. (E11)

É um envolvimento muito grande. [...] *Quando ele nasceu, ela sentiu ciúme, é o comum. Mas, ela foi se adaptando com ele e eles dois brinca e é legal demais essa ligação deles dois.* (E12)

Essa realidade demonstrou que houve manifestações de carinho e afeto entre os irmãos, o que sinaliza uma relação harmoniosa durante esse período, com ocorrência de brincadeiras e boa interação entre eles, embora situações eventuais de desavenças estivessem presentes no cotidiano das crianças.

3.3 Percepções das mães sobre o desenvolvimento dos filhos

No que diz respeito ao desenvolvimento dos filhos, os discursos retrataram que a maioria das mães possui percepções positivas acerca do desenvolvimento das crianças durante o período de isolamento e distanciamento físico pela pandemia de covid-19, com relatos ilustrando boa evolução, principalmente, no aspecto cognitivo e motor. Observaram-se ressalvas, por parte de algumas das participantes, para a comunicação verbal da criança, quando referiram ter apresentado expectativas maiores acerca do desenvolvimento do filho nesse aspecto. Poucas mães relataram ter observado atrasos ou prejuízos no comportamento dos filhos, não sendo identificada em suas falas, contudo, relação com o contexto pandêmico.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

Eu observo muito o comportamento dele e eu vejo como um comportamento normal de qualquer criança da idade dele. Que eu leio sobre isso, acompanho muita coisa sobre desenvolvimento de criança. Todo mês eu vejo o que é esperado para a idade dele, pra ele saber, pra ele fazer e vejo se ele tá dentro dessa estimativa. Isso eu acompanho demais. (E18)

Eu acho o desenvolvimento dele muito bom, só a questão de, assim, eu achei que ele fosse falar mais, ele já tá com um ano e seis meses, eu achei que ele fosse falar mais, e é uma coisa que quando for na próxima consulta vou ver com a doutora se tá desenvolvendo bem nessa parte aí. (E24)

Quanto ao sono das crianças, apesar de algumas delas terem sua rotina de início de sono noturno modificada com o retorno da mãe ao trabalho, a maioria das entrevistadas considera que a qualidade do sono dos filhos foi satisfatória durante a pandemia, não observando alterações à noite, referindo presença de sonecas durante o dia, em especial após o almoço. Quatro mães mencionaram ainda compartilhar a cama com o filho.

O sono dela sempre foi tranquilo, graças a Deus! Sempre dormiu no berço dela e só acordava mesmo na hora das mamadas, sempre teve um sono tranquilo. Até hoje ela tem um sono tranquilo. (E17)

Desde bebezinho que ele dorme comigo na cama e sempre foi assim. (E4)

A respeito da transição alimentar, a maioria das mães relatou que sua criança apresentou boa aceitação dos alimentos introduzidos na alimentação complementar, tais como frutas e verduras, além de bom apetite.

Ele tem uma alimentação muito boa [...] *no período da manhã, ele come fruta, ele gosta de todo tipo de fruta. No intervalo entre o café da manhã e o almoço, ele come ou toma um suco ou come um biscoito, ele almoça arroz, feijão, macarrão, frango, carne, ovo, peixe. Ele come legumes também* [...]. *Na parte da tarde, ele toma uma vitamina que é o leite, a fruta e água, e no período da noite, na parte do jantar, ele come sopa ou então a mesma coisa do almoço, e na ceia dele, ele toma o leite.* (E11)

Ele come mingau, ele come sopa, ele come Danone [iogurte] *e tem coisa que ele não gosta não, mas ele ainda prova.* [...] *ele passa a madrugada mamando. A madrugada mamando, acorda toma mingau, meio-dia ele come uma sopinha, às vezes ele só faz mamar e dorme, de tarde come Danone ou a vitamina.* (E14)

Percebeu-se, ainda, que as mães demonstraram atenção aos horários de alimentação dos filhos e buscaram alimentos variados. Observou-se que, aquelas que referiram dificuldades do filho na aceitação dos alimentos informaram que mesmo a

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

introdução alimentar tendo sido realizada, parece ter havido pouca diversidade dos grupos alimentares consumidos pelas crianças, com maior consumo de carboidratos, laticínios e ultraprocessados.

4 Discussão

A qualidade do cuidado familiar, fator primordial para o crescimento e desenvolvimento infantil, está diretamente ligada a boas condições econômicas, sanitárias e psicossociais (COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2020). As perspectivas socioculturais atuais enfatizam a importância das relações familiares, em especial a de pais e filhos, no desenvolvimento socioemocional de crianças pequenas (TORAN *et al.*, 2021).

Além disso, fatores ambientais e socioeconômicos preexistentes contribuem para a qualidade dos relacionamentos e têm grande importância para o desenvolvimento infantil (SILVA *et al.*, 2022). Com base em vulnerabilidades já presentes, como baixa renda e/ou condições prévias de adoecimento mental, algumas famílias estão mais suscetíveis às consequências da pandemia do que outras, que, ao contrário, podem demonstrar maior resiliência e capacidade de prosperar diante das adversidades (PRIME; WADE; BROWNE, 2020).

Em especial em suas fases iniciais, mas durante toda a vida, o desenvolvimento humano se dá a partir de processos de interação recíproca, progressivamente mais complexos, entre um indivíduo biopsicossocial em atividade com pessoas, objetos e símbolos existentes em seu ambiente imediato. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer em uma base estável por estendidos períodos de tempo. Esses padrões duradouros de interação no contexto imediato são definidos como processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011). São exemplos desses padrões de processo proximal: a amamentação, a brincadeira entre duplas, as atividades físicas, a aquisição de novas habilidades que se realizem em desempenho solitário ou em conjunto, a exemplo de leitura e escrita. Assim, o desenvolvimento infantil é diretamente afetado pelo ambiente em que a criança está inserida, como também pelas suas relações familiares.

O ambiente ecológico é concebido como uma série de sistemas ou estruturas concêntricas interconectadas, sendo elas: microssistema, que corresponde ao lugar em que a criança estabelece, de forma direta, padrões de atividades, papéis sociais e relações interpessoais, como na relação mãe-filho ou criança-professor; mesossistema,

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

evidenciado pela interação entre dois microssistemas onde a criança está inserida, como os microssistemas família e escola; exossistema, no qual a criança não está inserida, mas que influencia seus microssistemas, como é o caso do emprego dos pais (POLONIA; DESSEN; SILVA, 2008; BRONFENBRENNE, 2011).

Tem-se ainda o macrossistema, que inclui condições socioeconômicas, valores culturais e políticas públicas; e o cronossistema, que envolve as diversas dimensões da temporalidade que moderam as transformações ao longo do ciclo de vida, a exemplo de eventos históricos e das mudanças na estrutura da família e na sociedade (POLONIA; DESSEN; SILVA, 2008; BRONFENBRENNE, 2011). Essas estruturas influenciam no modo como os pais agem com seus filhos e interferem na forma de promoção do desenvolvimento infantil.

O contexto familiar constitui o primeiro microssistema onde ocorrem as interações significativas face a face da criança com seus cuidadores principais, que costumam ser os pais. Nesse microssistema, as funções parentais desempenhadas conduzem a criança à maturidade para atingir independência e desenvolver comportamentos adaptativos e habilidades sociais. Esses cuidados envolvem os aspectos físico, emocional e social, objetivam o desenvolvimento saudável das crianças e são providos por comportamentos e atitudes promotoras de segurança e autonomia dos filhos (LINHARES; ENUMO, 2020).

A pandemia de covid-19, como condição sócio-histórica única, pode ser definida, nos termos estabelecidos pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, como um processo cronossistêmico que, por sua vez, exigiu o estabelecimento de medidas sanitárias e intervenções governamentais de caráter macrossistêmico que causaram alterações nos micro, meso e exossistemas dos quais estão envolvidas as crianças e interferiram nas atividades, papéis e relações entre pais e filhos. Essas mudanças trazem para o desenvolvimento infantil repercussões positivas e/ou negativas, a curto ou a longo prazo (COSTA; CAVALCANTE; COSTA, 2021; VATERLAUS *et al.*, 2021).

Evidências indicam que medidas de isolamento social podem ser traumáticas tanto para os pais quanto para os filhos. As consequências disso, em comparação com estimativas pré-pandemia, apontam para uma piora na saúde mental dos membros da família, maior irritabilidade parental e menor expressividade familiar positiva (RUBILAR *et al.*, 2022). Com relação ao desenvolvimento cognitivo das crianças, situações de isolamento durante a infância prejudicam o aprendizado de novas habilidades, como fala, escrita e leitura, principalmente nas mais novas, o que afetará o

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

desempenho escolar futuro e tornará mais difícil o processo de socialização com os colegas, levando a um círculo vicioso entre dificuldade no processo de aprendizagem e isolamento (ALMEIDA *et al.*, 2022).

Os excertos das entrevistas aqui apresentados trouxeram aspectos importantes para a compreensão das vivências de mães de crianças que nasceram no período de isolamento rígido da pandemia de covid-19. Em geral, as mães surgiram como principais cuidadoras, parecendo passar mais tempo em responsabilidades de cuidado infantil do que os pais, apontando que a busca pelo equilíbrio dos novos papéis adquiridos com o nascimento do filho pareceu diferente para as relações mãe-filho e pai-filho. O acúmulo de tarefas na criação dos filhos e do ambiente doméstico com o qual precisaram lidar pode resultar em níveis de sobrecarga, num momento em que os espaços extrafamiliares de apoio foram reduzidos (VALE *et al.*, 2021).

As narrativas apontaram, também, que a pandemia de covid-19 pode ter levado a níveis mais baixos de socialização das crianças, uma vez que o contato social estava mais limitado aos pais e a alguns poucos cuidadores, sendo escasso com outras crianças ou adultos fora da família. Especialistas apontam para mudanças no comportamento infantil durante o isolamento, cujo principal impacto em crianças pequenas se deu pelo fato de não terem experiências para além do ambiente de casa e se privarem de adquirir um reservatório mnêmico mais amplo (BONOW *et al.*, 2021).

No entanto, nos relatos das mães com mais de um filho, a socialização da criança foi, de alguma forma, promovida pelas relações com os irmãos, que pareceu serem marcadas por um clima de intimidade e emoções positivas. Essa condição pode ser considerada um elemento importante no microssistema familiar, pois irmãos desempenham papel não apenas no desenvolvimento uns dos outros, como também se salvaguardam contra efeitos estressantes de circunstâncias adversas (PRIME; WADE; BROWNE, 2020).

Apesar da situação adversa, percebeu-se que as mães, nesta pesquisa, relataram ter buscado, durante a pandemia, realizar cuidados parentais positivos que promovessem o desenvolvimento saudável dos filhos, utilizando-se de recursos diversos para estimulação e, muitas vezes, envolvendo-se diretamente nas brincadeiras. Conforme destacado em pesquisa com 3.566 crianças, com o objetivo de avaliar a associação das práticas parentais com o desenvolvimento infantil (ROCHA *et al.*, 2022), identificou-se que comportamentos parentais positivos estavam associados com um melhor desenvolvimento infantil em todos os domínios.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

Contudo, além do acúmulo de tarefas realizadas, as dificuldades na amamentação apontadas pelas mães foram um desafio à parte. A amamentação, enquanto processo proximal que fornece não somente nutrição à criança, como também promove o consolo e se põe como uma base estável para o seu desenvolvimento, precisa ser apoiada não somente pelos membros do microcontexto familiar, mas também pelo mesossistema dos serviços de saúde. No entanto, no cenário pandêmico, a interrupção de diversos serviços impactou sobremaneira as mães e seus filhos, que se encontraram numa situação em que tiveram pouco suporte, tanto de saúde básica quanto especializada (LINHARES; ENUMO, 2020).

O exossistema trabalho é outro fator que influencia no microssistema infantil, uma vez que interfere no exercício parental. Devido à jornada de trabalho, os pais podem não conseguir dedicar tempo livre de forma regular aos filhos, o que compromete, por sua vez, os processos proximais que promovam na criança o desenvolvimento de suas habilidades, a aquisição de conhecimentos e valores (COSTA; CAVALCANTE; COSTA, 2021). Percebeu-se, nessa pesquisa, que a pandemia de covid-19 provocou um impacto na renda e antecipou a volta de algumas mães ao trabalho, circunstâncias que, por consequência, podem interferir no desenvolvimento dos seus filhos.

Os pais que trabalham fora do ambiente familiar podem criar estratégias de superação e enfrentamento às múltiplas demandas sobre seu tempo e sua energia para a interação com os filhos. Esses pais geralmente são sobrecarregados pelas pressões sociais e econômicas às quais precisam responder e sobre as quais não possuem controle (BRONFENBRENNER, 2011). Nessa perspectiva, observou-se, durante a pesquisa, que aquelas mães que trabalhavam fora do ambiente familiar não escolheram a dedicação aos seus empregos em detrimento dos cuidados parentais, mas tentaram equilibrar os dois sistemas ecológicos como meio de superar suas necessidades financeiras e materiais ao mesmo tempo em que cuidavam das crianças. Igualmente, procuraram compensar o tempo que estavam fora com atividades junto aos filhos em horários da noite ou finais de semana, mesmo que isso comprometesse os hábitos de sono noturno e alimentares da criança.

Ademais, o retorno da mãe ao trabalho provocou, em alguns casos, a inclusão antecipada da criança na creche, levando, também, à antecipação da transição ecológica, isto é, a passagem da pessoa em desenvolvimento de um contexto ecológico para outro novo e diferente (BRONFENBRENNER, 2011). Isso pode ter consequência no

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

desenvolvimento infantil por envolver a criança em novas atividades e outros tipos de estrutura social para a qual ela poderia não estar ainda preparada.

Logo, entende-se que a rede de apoio às mães no cuidado com os filhos é fundamental. O apoio social auxilia a mãe no cuidado da criança e na realização de atividades domésticas, além de oferecer suporte emocional à mulher que pode estar fragilizada devido às intensas mudanças enfrentadas após o nascimento do filho (BONOW *et al.*, 2021). Está relacionado também à redução de estresse parental, ao aumento da capacidade de resposta materna ao bebê, às interações mãe-filho mais positivas e à redução da ansiedade e da depressão maternas.

Dessa forma, o apoio social recebido pela mãe está diretamente ligado ao desenvolvimento infantil, e a sua falta pode levar a desfechos adversos a longo prazo em domínios cognitivos, comportamentais, motores e físicos de crianças quando suas mães são expostas a estressores, mesmo que temporários (VENTA; BICK; BECHELLI, 2021).

As medidas de isolamento e distanciamento social levaram muitas mães desta pesquisa a terem seus apoios extrafamiliares limitados, podendo contar somente com os membros familiares mais próximos. Ademais, como estratégia utilizada para realizarem as atividades domésticas nos momentos em que se encontravam como principais cuidadoras dos filhos, a maioria delas fez uso de telas como meio de entreter, informar ou educar as crianças. Desta forma, os achados vão ao encontro dos resultados apontados por Silva *et al.* (2022), quando verificaram que, durante o distanciamento físico, os cuidadores toleraram mais o tempo em que as crianças ficaram em contato com as telas, com a justificativa de que precisavam atender às demandas de trabalho domiciliares.

Embora os *smartphones* e a televisão tenham sido utilizados, recomenda-se que os pais tenham controle sobre seu uso, uma vez que seu excesso pode ser prejudicial ao desenvolvimento infantil. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) recomenda que a exposição às telas por menores de dois anos deve ser evitada, pois não há necessidade; dos dois aos cinco anos, o uso deve ser de, no máximo, uma hora por dia, e sempre com supervisão; de seis a dez anos, deve-se restringir a exposição a até duas horas por dia, de maneira também supervisionada; e a partir de 11 anos, as crianças podem fazer uso de telas por, no máximo, três horas por dia.

Em estudo que avaliou a associação da exposição à tela com a comunicação infantil, o desenvolvimento motor bruto e fino, a resolução de problemas e os escores de desenvolvimento pessoal-social de 3.155 crianças (ROCHA *et al.*, 2021), constatou-se que cada hora adicional de tempo de tela foi associada a uma menor comunicação infantil

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

e a escores mais baixos de resolução de problemas e dos domínios pessoais-sociais, não havendo associação entre o tempo total de tela e as pontuações finas e brutas do desenvolvimento motor.

Apesar das dificuldades enfrentadas durante a pandemia, as mães descreveram experiências positivas com os filhos, com relatos revelando maior aproximação e fortalecimento das relações familiares nesse contexto, sinalizando a importância de se buscar políticas públicas que favoreçam maior tempo de qualidade das mães com seus filhos a fim de contribuírem com o desenvolvimento infantil.

5 Considerações finais

Considerando que as experiências de mães com seus filhos no contexto pandêmico podem interferir no desenvolvimento das crianças por meio do cuidado que é ofertado, a compreensão da relação mãe-filho e dos cuidados parentais exercidos proporciona o reconhecimento das mudanças no desenvolvimento infantil e nas mães que desempenharam o papel de cuidadoras primárias.

As mudanças macrossistêmicas provocadas pela pandemia de covid-19 nas famílias representam riscos importantes ao exercício de cuidados parentais positivos e ao desenvolvimento infantil. As repercussões reveladas no estudo apontam, principalmente, para impactos financeiros e na rede de apoio extrafamiliar, o que potencializou as vulnerabilidades de mulheres em um contexto em que se encontravam como principais cuidadoras de seus filhos.

A utilização expressiva de telas pelas crianças em uma idade precoce é um ponto que merece atenção no âmbito do microssistema das crianças, sendo seu uso apontado como meio para as mães conseguirem lidar com as diversas atribuições que assumiram em seu cotidiano, representando, assim, um risco ao desenvolvimento infantil.

Por sua vez, as narrativas demonstraram que as mães buscaram exercer cuidados parentais positivos quando dispuseram de tempo e apoio mínimo para tal. Elas procuraram acompanhar o processo de desenvolvimento dos filhos e manifestaram uma percepção positiva sobre os mesmos, sinalizando que programas de acompanhamento do desenvolvimento infantil devem, necessariamente, perpassar a atenção voltada à mãe e focalizar no sistema familiar e sua ecologia como um todo.

Posto que, de forma mundial, a crise sanitária imposta pela pandemia de covid-19 ainda está em curso, e que as crises sanitárias decorrentes de doenças infectocontagiosas

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

estão presentes na história da humanidade, com ciclos no decorrer dos anos, representando risco ao desenvolvimento infantil saudável, recomenda-se que, durante o acompanhamento de saúde materno-infantil, seja dada maior atenção à díade mãe-filho, com fortalecimento de serviços que possam operar como fontes de apoio às mulheres nos cuidados aos filhos. É importante garantir que as mães, principalmente aquelas em situação de vulnerabilidade social, tenham acesso a recursos que lhes auxiliem a lidar com experiências adversas, seja por meio de políticas públicas de saúde e/ou de assistência social capazes de promover o desenvolvimento de habilidades nos cuidados com os filhos e que lhes proporcionem melhor conciliação entre trabalho e vida familiar.

Agradecimentos

Os autores agradecem a Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal e a *David Rockefeller Center for Latin American Studies* pelo suporte financeiro à realização desta pesquisa.

Referências

ALMEIDA, I. L. L.; REGO, J. F.; TEIXEIRA, A. C. G.; MOREIRA, M. R. Social isolation and its impact on child and adolescent development: a systematic review. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 40, n. e2020385, p. 1-9, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020385. Acesso em: 18 jul. 2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONOW, A. J.; HENN, T. A.; GASTAUD, M. B.; NARVAEZ, J. C. M. Filhos da quarentena: percepção de mães sobre o seu processo de maternagem e o desenvolvimento de seus filhos durante a pandemia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 85-104, dez. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5935/2318-0404.20210047. Acesso em: 12 out. 2022.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CASTRO, M. C.; FARÍAS-ANTÚNEZ, S.; ARAUJO, D. A. B. S.; PENNA, A. L.; OLIVEIRA, F. A.; AQUINO, C. M.; LIMA NETO, A. S.; SOUSA, G. S.; MACHADO, M. M. T. Cohort profile: maternal and child health and parenting practices during the COVID-19 pandemic in Ceará, Brazil: birth cohort study (Iracema-COVID). **BMJ Open**, Londres, v. 12, n. e060824, p. 1-10, jun. 2022. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2022-060824. Acesso em: 19 set. 2022.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **Repercussões da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento infantil**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2020.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

COSTA, M. F. G.; CAVALCANTE, L. I. C.; COSTA, E. F. O trabalho dos pais e o desenvolvimento dos filhos no contexto da pandemia de COVID-19: um olhar bioecológico. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 10, e169101018730, p. 1-11, ago. 2021. Disponível em: http://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18730. Acesso em: 28 jul. 2022.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003. Acesso em: 15 out. 2020.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, n. e200089, p. 1-14, out. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089. Acesso em: 26 set. 2022.

MEIHY, J. C. S. B; RIBEIRO, S. L.S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2021.

MINAYO, M. C. de S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, abr. 2017. Disponível em: https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82. Acesso em: 4 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. *[S.l]*, 2020. Disponível em: https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19. Acesso em: 29 jul. 2022.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M.A.; SILVA, N. L. P. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In.: DESSEN, M. A.; COSTA JÚNIOR, A. L. (org.). **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed: 2008. p. 72-89.

PRIME, H.; WADE, M.; BROWNE, D. T. Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. **American Psychologist**, Washington DC, v. 75, n. 5, p. 631-643, jul./ago. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1037/amp0000660. Acesso em: 29 jul. 2022.

ROCHA, H. A. L.; CORREIA, L. L.; LEITE, A. L. M.; ROCHA, S. G. M. O.; ALBUQUERQUE, L. S.; MACHADO, M. M. T.; CAMPOS, J. S.; SILVA, A. C.; SUDFELD, C. R. Positive parenting behaviors and child development in Ceará, Brazil: a population-based study. **Children**, *[S.l.]*, v. 9, n. 8, e1246, p. 1-10, ago. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.3390/children9081246. Acesso em: 27 ago. 2022.

ROCHA, H. A. L.; CORREIA, L. L.; LEITE, A. J. M.; MACHADO, M. M. T.; LIDSAY, A. C.; ROCHA, S. G. M. O.; CAMPOS, J. S.; SILVA, A. C.; SUDFELD, C. R. Screen time and early childhood development in Ceará, Brazil: a population-based study. **BMC Public Health**, *[S.l.]*, v. 21, n. 1, e2072, p. 1-8, nov. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s12889-021-12136-2. Acesso em: 27 ago. 2022.

RUBILAR, J. V.; RICHAUD, M. C.; LEMOS, V. N.; BALABANIAN, C. Parenting and children's behavior during the COVID 19 pandemic: mother's perspective. **Frontiers in Psychology**, Lousana, v. 13, n. 801614, p. 1-12, abr. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.801614. Acesso em: 21 jul. 2022.

SILVA, J. P. F; CASTRO, M. C.; AQUINO, C. M.; SOUZA, C. R. B.; ROCHA, H. A. L.; CORREIA, L. L.; ALTAFIM, E. R. P.; OLIVEIRA, F. A.; MACHADO, M. M. T. Implicações

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.596

da covid-19 no cotidiano das famílias nordestinas e no cuidado infantil. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n. 1, e210287, p. 1-11, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210287. Acesso em: 22 jul. 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Grupo de trabalho saúde na era digital. **#Menos telas #mais saúde**: manual de orientação. Rio de Janeiro: SBP, 2019.

TORAN, M; SAK, R.; XU, Y.; SAHIN-SAK, I. T.; YU, Y. Parents and children during the COVID-19 quarantine process: experiences from Turkey and China. **Journal of Early Childhood Research**, *[S.l.]*, v. 19, n. 1, p. 21-39, jan. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1476718X20977583. Acesso em: 21 jul. 2022.

VALE, P. R. L. F. PASSOS, S. S. S.; CARVALHO, R. C.; CARVALHO, E. S. S. Child-mothers with congenital zika syndrome: daily rites for the prevention of COVID-19. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 42, n. esp., e20200370, p. 1-12, mai. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200370. Acesso em: 18 jul. 2022.

VATERLAUS, J. M.; SHAFFER, T.; PATTEN, E. V.; SPRUANCE, L. A. Parent–child relationships and the COVID-19 pandemic: an exploratory qualitative study with parents in early, middle, and late adulthood. **Journal of Adult Development**, Nova York, v. 28, p. 251-263, mai. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10804-021-09381-5. Acesso em: 19 set. 2022.

VENTA, A.; BICK, J.; BECHELLI, J. COVID-19 threatens maternal mental health and infant development: possible paths from stress and isolation to adverse outcomes and a call for research and practice. **Child Psychiatry & Human Development**, Nova York, v. 52, p. 200-204, fev. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10578-021-01140-7. Acesso em: 29 jul. 2022.

VERBI Software. **MAXQDA 12 Manual**. Berlim: 2020. Disponível em: https://www.maxqda.com/help-max12/welcome. Acesso em: 20 nov. 2021.

Recebido em: 18 de janeiro de 2023.

Aceito em: 13 de março de 2023.